

CASO BLACKROCK

Prof. Gustavo Loiola

O mercado financeiro e sua influência na transição energética

Influências nessa mudança de discurso dentro do ambiente de investimentos.

Sobre a BlackRock

A BlackRock, Inc. é uma gestora de investimentos norte americana, fundada em 1988. Iniciou como gestora de ativos institucionais de gestão de riscos e renda fixa, e atualmente é a maior gestora de ativos do mundo, com aproximadamente US\$ 10 trilhões em ativos sob gestão. São 70 escritórios em 30 países, inclusive no Brasil e clientes ao redor do globo. A BlackRock procurou se posicionar como líder do setor dentro do tema ESG.

As cartas

Larry Fink, CEO da BlackRock escreve anualmente cartas aos CEOs de empresas do ecossistema da gestora e também aos seus investidores, compartilhando as suas percepções em relação ao mercado e rumos que a gestora deve tomar em relação aos seus ativos, explorando tendências e movimentos da sociedade. Como porta voz e defensor da reputação da organização, podemos dizer que “a sua opinião importa”.

Nós últimos 10 anos a tônica dessas cartas flerta com o tema da sustentabilidade, ao abordar temas como governança corporativa, criação de valor a longo prazo, propósito, a urgência climática e o capitalismo de stakeholders. O gestor vem apontando para o papel que as organizações tem na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva e também na sua responsabilidade perante todos os seus principais stakeholders.

Em 2022, a sua carta aos CEOs reforçou a mensagem em relação ao ESG, ecoando que o tema não deve ser tratado apenas como uma tendência empresarial ou estratégia de marketing, e sim fazer parte da estratégia corporativa. O olhar para esse tema é uma forma de alinhar a responsabilidade social e a lucratividade, que segundo ele não são antagônicas e sim complementares. Seguindo uma evolução dos anos anteriores o núcleo de sua mensagem tem sido o mesmo, de que a responsabilidade corporativa e a sustentabilidade são pilares fundamentais para uma sociedade e economia bem sucedidas.

Apesar do ceticismo em relação ao conceito de fazer negócios alinhados a sustentabilidade e aos investimentos ESG, Larry Fink busca é hábil em tecer uma defesa coerente da estratégia de investimentos da empresa. Em suas cartas procura expor as diferentes maneiras pelas quais os investimentos podem levar a melhorias na sociedade e no meio ambiente; e é responsabilidade da comunidade de investidores liderar o caminho.

Por operar no mercado financeiro, reforça a importância do lucro e da lógica de uma sociedade capitalista, no entanto defende o conceito do capitalismo de stakeholders, fugindo da ideia de uma agenda social ou ideológica e sim de que “é o capitalismo, impulsionado por relacionamentos mutuamente benéficos entre o CEO, os funcionários, clientes, fornecedores e comunidades das quais a empresa depende para prosperar. Esse é o poder do capitalismo.”

No ano anterior, em 2021, o gestor subiu o tom ao dizer que a BlackRock iria iniciar um processo de transição de investimentos para modelos mais sustentáveis. Isso foca especialmente na questão climática, como um risco e uma oportunidade de investimento. No seu comunicado aos CEOs, o gestor menciona a criação de uma ferramenta para a gestão de carteiras que ofereçam riscos climáticos significativos, incluindo a sinalização de posições para uma possível saída, ou seja, deixar de investir em empresas que não olhem para essas temáticas como core do negócio. Ainda que reconheça a complexidade de uma transição de baixo carbono, é reforçado o papel que esse processo desempenha para a construção de uma economia mais resiliente que beneficie mais pessoas. Além disso, afirma que a BlackRock está tomando medidas para ajudar os investidores a preparar seus portfólios para um mundo zero carbono, incluindo o aproveitamento de oportunidades criadas pela transição até o zero carbono.

Porém em 2023 a carta mais recente de Larry Fink trouxe uma nova narrativa. Ao defender o esforço da BlackRock em responsabilizar as empresas pelos progressos ambientais e sociais, o gestor recuou no tom devido a pressão de alguns legisladores conservadores norte americanos ao alegar que a gestora de ativos está usando a sua influência financeira para impor crenças ideológicas no mundo corporativo.

Larry continua reforçando que o setor financeiro deve aproveitar a sua força para reduzir os riscos das mudanças climáticas e pressionar por medidas que possam desacelerar as mudanças climáticas e persuadir as empresas a atingir emissões líquidas zero. No entanto, a empresa recebeu críticas de ativistas ambientais, que dizem que ela deveria cortar relações com empresas de combustíveis fósseis que não conseguem reduzir suas emissões, foi acusado de estar fazendo ESGwashing.

A BlackRock ainda investe em uma ampla gama de empresas de combustíveis fósseis e outras indústrias com altas emissões de gases de efeito estufa, como um investimento recente de US\$ 15,5 bilhões ao se associar a um gestor de ativos saudita. “Desinvestir em setores inteiros – ou simplesmente passar ativos intensivos em carbono de mercados públicos para mercados privados – não levará o mundo ao zero líquido”, disse Fink na sua carta de 2023. “E a BlackRock não busca o desinvestimento de empresas de petróleo e gás como política.”

É uma lógica contrária as discussões que foram apresentadas nos últimos 10 anos, o gestor reforça que não se pode esperar que as empresas privadas façam muito. “O capitalismo tem o poder de moldar a sociedade e atuar como um poderoso catalisador de mudanças. Mas as empresas não podem fazer isso sozinhas e não podem ser a polícia do clima”.

Questão

Sabemos que as empresas não são as únicas responsáveis por uma transição energética ou pelas soluções relacionadas aos desafios de sustentabilidade, no entanto, a sociedade espera que assumam um papel de protagonista nesse sentido. As cartas do Larry Fink nos últimos 10 anos foram alinhadas com essa lógica ao reforçar com os CEOs das empresas investidas pela BlackRock que olhar para estes temas eram algo importante e que passariam a ser fatores que a gestora de ativos levariam em consideração na hora de direcionar os seus investimentos. Em 2023 esse discurso mudou levemente, ao relativizar a urgência em lidar com o tema como uma prioridade no ambiente corporativo, bem como diminuir a responsabilidade das empresas dentro do contexto capitalista.

Você acredita que teremos uma mudança sistêmica na forma de se fazer negócios, alinhado critérios ESG ao sucesso empresarial ao mesmo tempo que as organizações ganham valor de mercado? Ou Será que as discussões sobre ESG são mais uma jogada de marketing, para atrair novos investimentos e moldar o mercado para essa onda verde, alinhada as tendências de consumo, discussões da mídia e outras tendências?